

# A ESCOLA

FOLHA UNICA PUBLICADA EM BENEFICIO DA SOCIEDADE PHILANTROPICO-ACADEMICA BRAGAENSE,  
POR OCCASIAO DA SUA «KERMESSE»

COLLABORADORES:

Albano Coelho—Albano Villares—Alfredo Campos—A. Figueiredo—Antonio Fogaça—Arthur Soares—Arnaldo Rebello—Augusto Peixoto—Carlos Braga—B. de Senna Freitas—Costa e Simas—David de Castro—Ernesto Barreira—E. Silva Pereira—Hippolyto Maia—F. P. de Macedo—João Penha—Julio Moutinho—Rodrigo Velloso—Jose Parreira—Lopes Teixeira—Pereira-Caldas—D. Miguel Solto—Mayor e Avila—Padre Ribeiro Coelho—Vicente Neves—Visconde de Pindella.

BRAGA, 24 DE JUNHO DE 1885



O lodo das baixas camadas sociaes arrasta-se uma classe tão numerosa como pestilenta, que Victor Hugo personificou em João Valgean e a que os mais protegidos da fortuna dão o

nome de MISERAVEIS.

Estes vermes que nascem, vivem e morrem no lodaçal do vicio, são desprezados e proscriptos pelos seus irmãos mais felizes, que veem n'elles a degradação de todo um seculo que se gloria com o titulo de civilisado.

E comtudo, os miseraveis que nos degradam tem um coração que póde ser o receptaculo do amor, e uma intelligencia reflectiva das irradiações da Luz!

Inocular n'este coração a fraternidade escolar e fazer projectar n'este intellecto um raio de sciencia, será arrebatat um mancebo ao esterco do lupanar para o sentar esperançoso no banco da escola; será fazer do pária que se enlameia no crime um cidadão instruido que prese o bem da sua patria.

São estas as nossas ideias; é este o nosso fim.

Que as almas generosas entornem o balsamo da esmola sobre o grato coração dos nossos irmãos — os estudantes pobres.

## O PÁRIA

Eu vi-o chorando na atroz agonia do pobre a que falta uma restia de luz. Coberto de andrajos, c'os pés semi-nus, á turba insultante uma esmola pedia.

Era 'inda pequeno. E quando gemia, boiavam-lhe per'las, nos olhos, a flux. Então era bello! Parecia Jesus chorando nos braços da Virgem Maria.

Ao vel-o assim triste, tão triste a chorar, um velho mendigo ousou perguntar qual era a causal do seu átro soffrer.

E o pária mostrando-lhe um livro de historia contendo doirados luseiros de gloria, responde ao mendigo:—É que... não sei ler!

Braga, junho de 1885.

Albano Coelho.

—o—o—o—o—o—o—o—o—o—o—

## LE MONDE MARCHE!

MARCHA nas azas do progresso; este é o resultado do aperfeiçoamento da intelligencia humana. Por isso os que pugnam pela felicidade dos povos, os que olham do alto e abarcam pela geographia o mundo, pela historia o passado e o presente, pela philosophia o futuro—são unanimes em dizer que é necessaria e deve ser obrigatoria a instrucção.

A eschola é a porta, o lyceu a escada, os cursos superiores a sala



de espera, e o estudo dos homens celebres a sala de visitas.

Cada intelligencia é um astro. Ha-os com luz propria e outros que a não tem; os primeiros concebem, criam, produzem e lançam sempre uma pedra no grande edificio do saber humano; os segundos saturam-se de luz á custa dos primeiros; aquelles são a *harmonia* e estes o *ecce*.

As summidades intellectuaes honram e engrandecem a sua patria. E quantas ha entre nós ainda em botão e que não pôdem desabrochar por falta de meios?

Quer proporcionar-lh'os a «Philantropica Bracarense».

Formoso pensamento!

Braga, 20 de junho.

*Albano Villares.*

#### O LIVRO E A ESPADA

(DE LACHAMBAUDIE)

N'um reducto sombrio, um longo espadeirão,  
De ferrugem, de pó coberto, dia a dia,  
Vendo um livro uma vez tristemente dizia:—  
—«Quanto odeio o repouso e a minha solidão!  
Tu somente honras tens, eu desprezos somente,  
E mais util que tu eu sou, sinceramente!  
Em quanto ao coração levas a languidez,  
Tudo treme ante mim—ao alvo vou de vez!  
Podesse hoje deixar estas frias muralhas,  
E volver, como outr'ora, ao sangue das batalhas!»  
O livro respondeu:—

—«Já nada a espada val'!

Foram se as conversões pela força brutal!  
Modera o teu ardor, glorioso valente!  
Onde eu vejo a afeição tu vês um combatente,  
Onde tu vais só vão os odios, a vingança,  
Mas vão aonde eu vou—o amor, a luz, a esp'rança!  
Quando, sedento, tu cevas teus azedumes,  
Por bons conselhos eu corrijo os maus costumes.  
Envolve-te no pó e renuncia á guerra!  
Já viste um lavrador, lavrando sempre a terra?  
Lavra, liberta os bois, e, largando o aguilhão,  
Aos sulcos vai lançar o esperançoso grão.  
O teu tempo passou—arado apoz a lavra!—  
Agora a mim compete, espalhando a palavra  
Fazer brotar, crescer as messes, os thesouros!  
Oh! deixa-me o futuro, e dorme nos teus louros!

Braga—1885.

*Alfredo Campos.*

**O** TALENTO, que a miseria affasta das portas do templo da sciencia, tem muita semelhança com o brilhante sepultado sob as negras e densas camadas do carvão.

Tem, como elle, irradiações que deslumbram, mas falta-lhe a luz para brilhar.

Quantas e quantas vezes, um pedaço de vidro, ou os fragmentos d'um crystal são mais estimados, e parece valerem mais do que aquelle astro mineral?

Auxiliemos o talento que labuta pela conquista da sciencia, descerremos-lhe as trevas que o envolvem, façamol-o irradiar, e o futuro abençoará o protegido e o que o soube proteger.

Braga.

*A. F.*

#### AFFINIDADES

##### I

**O** vosso olhar, que derrama luz e brilho, como a aurora, tem a expressão de quem ama e a tristeza de quem chora.

##### II

Por isso me vae, ó flor  
tudo na aza do encanto...  
desfeita a vida em amor  
e o amor desfeito em pranto.

Coimbra.

*Antonio Fogaça.*

#### A PHILANTROPIA DA MULHER

##### R.

**O** amor da humanidade é o brilhante mais valioso do seu diadema de anjo tutelar.

A filha da Circassia ou a negra dos sertões d'Africa; a rainha dos salões ou a humilde camponeza; a filha, a esposa ou a mãe, formada pelo Creador para

ser o ceu na terra, em toda a parte, desde o polo austral ao boreal e desde oriente a occidente; sempre, desde o seculo de Christo ao seculo de Victor Hugo, velou junto do leito onde pairasse a morte, orvalhou com lagrimas a sepultura do ente querido, levou pão onde houvesse fome, consolação onde existisse desgraça.

Se até amando a mulher é generosa....  
Braga.

Arthur Soares.

—•••••—  
**AS DAMAS BRACARENSES**

Quand'um pobre, um desgraçado  
Que no auge do soffrer,  
E' por lei forte obrigado,  
Aos bons a mão a estender...  
E nelles encontra a esmola,  
Oh! que prazer o consola!

Na mão que lhe treme aberta,  
Sentindo outra pousar,  
E dar-lhe bondosa offerta,  
Qu'a dôr lhe venha apagar...  
D'amor cheio e gratidão,  
Que lhe diz o coração?...!

Oh sim! mil coisas bonitas!  
Phrases sinceras sem fim;  
E com palavras constrictas,  
Dirá: a esmola qu'a mim,  
Deram com mão caridosa,  
Tornai-lh'a Deus proveitosa!!

A vós pois, oh protectoras!  
De nossos pobres irmãos,  
A vós sim gentis senhoras!  
Que nunca tornasteis vãos,  
Os nossos justos pedidos,  
São estes votos queridos.

O filho de toda a escola,  
Aqui vem hoje commigo:  
A mão que nos deu a esmola,  
Offertar um beijo amigo.  
Gratos sempre a tal favor,  
Seja a paga o nosso amor.

Arnaldo Rebello.

—•••••—  
**AOS ESTUDANTES DE BRAGA NA SUA FESTA**

**E**u recordo-me bem, collegas, d'esses dias decorridos junto a vós, en-

tre os sustos da lição e a cara do professor mal humorosa, e sinto repullular na mente como na mysteriosa atmosphaera d'um sonho, todos os lances d'essa vida alegre e sinto ecoar a meus ouvidos as vossas gargalhadas estridentes e frescas como a mocidade que nos sorri.

Collegas! A alma innunda-se-me de jubilo quando sei que vós tendes em vista uma acção gloriosa, e quando a vossa actividade se põe ao serviço de uma virtude como é a philantropia, a que serve de base á vossa festa.

Não ha coração juvenil que se não abra ás acções sublimes e que se não enthusiasme ante as ideias alevantadas.

A classe academica lisbonense, celebrando o centenario pombalino, levantou o paiz inteiro á influencia da sua voz; ainda ha pouco a mesma classe, sentindo lá ao longe o côro afflictivo da bella Andaluzia, promoveu uma—Kermesse—a mais brilhante depois da da Rainha; agora, na morte de Victor Hugo, d'esse morto immortal, da *Creança sublime*, como Chateaubriand lhe chamou, a mesma classe associou-se ao luto universal representando-se nos funeraes que foram a apotheose do Mestre.

Vós, collegas, tendes agora tambem a vossa festa, tambem grandiosa, tambem sublime!

Como estudante lisbonense saúdo os estudantes bracarenses!

*Hurrah* pela academia bracarense! Viva a fraternidade escolar!

Lisboa, junho de 85.

Augusto Peixoto.

—•••••—  
**MORTO**

**A**s illusões, que o sol da crença aclára, vão cahindo por terra, inimurchecidas, como se fossem petalas pendidas d'um lirio murcho, que a manhã gelára!

Porem, no coração, restam batidas pela duvida cruel, que as agitara, as esperanças vãs que ella sonhára, as suas esperanças preferidas!



E' que lhe lembra o nosso antigo affecto,  
e julga lêr, no meu olhar inquieto,  
uma vaga saudade indefinida...

Engana-se, porem, que eu já não sinto;  
se lhe fallo d'amor, é porque minto;  
meu coração perdeu d'ha muito a vida!

Coimbra.

Carlos Braga.

#### CORAÇÕES ORTHOGRAPHICOS

**A**o leres, meu caro leitor a epigrapha que escolho scismarás com teus botões que relação haverá scientifica ou artistica entre o coração e a orthographia.

Pois eu te digo:

Se não mentem auctores de credito, o coração representa um importante papel não só na historia da orthographia, mas tambem na archiologia, não obstante muita gente boa o ignorar.

Nos vetustos monumentos christãos vê-se frequentemente esculpido apoz cada palavra, ou no estremo de cada linha, um coração.

Papebroch fez d'isto historia, e ludibriou a archiologia quando descreveu o epitaphio da martyr Argyrio, salpicado de corações, que elle attribuiu a orthographia pagã.

Contestou-o Boldetti em nome da sciencia e da arte.

Este signal, tão repetido nos marmores antigos, muito tempo preoccupou os sabios em acaloradas contendidas.

Fabretti e Reines foram de accordo que os corações eram uma pontuação ou um adorno imaginado pelos *quadrarii*.

Alguns archiologos são de opinião que nas inscrições das sepulturas, os corações symbolisam a dor dos sobreviventes.

Contra esta opinião foi Lupi (Epit. Sev. pag. 56) que notou serem de estylo os corações fóra das inscrições funerarias, e até nas antigas mezas de jogo.

Boldetti mostra que este genero de pontuação foi usado até ao seculo IX, pois que ella existe no mosaico da tribuna de Santa Cecilia, em Roma; e esta tribuna, segundo ha noticia foi construida no tempo do Papa Pascal I, que existiu pelos annos de 817. Ha po-

rém quem isto controverta, pois que sendo aquella inscrição em versos, seguidos uns aos outros, ao longo do arco, os corações no fim de cada verso não representavam pontos ou virgulas, mas serviam sómente de destacar os versos.

Leon Reinier, dando noticia de uma inscrição d'Africa, pretende cortar todas as indeliberações relativamente ao uso dos corações, chamando-lhes *hederoe distinguentes*.

Nos tempos actuaes o assumpto seria resolvido n'um abrir e fechar de olhos, por certos *lince*s que conheço.

Diriam elles:

« Os corações nunca foram senão pontos.

« Aos olhos de um affecto, o coração feminino é... um ponto de interrogação: perante *ellas*.... o nosso coração é um ponto de admiração!

« Os corações de *pedra* são sempre pontos finaes.»

Braga 21 de Junho de 1885.

B. de Senna Freitas.

#### A CARIDADE

**A**CARIDADE, a luz que ao ceu nos guia,  
Essa virtude tão sublime e nobre  
Leva á morada frígida do pobre  
O calor e o pão de cada dia.

Construe asylos, onde mil plebeus  
São no espirito e corpo alimentados.  
Dai pois irmãos, esmola aos desgraçados:  
Quem dá aos pobres só empresta a Deus.

Braga 85. Costa e Simas.

?!...

Para não repetir á Caridade  
tudo quanto se ha dito em seu aboro...  
para que Ella não diga: «A humanidade  
em vez de me exultar, causa-me somno!»...

de assumpto quiz mudar; mas fiquei mudo  
ao ver tão pouco espaço! Por ventura  
alguem póde, como eu, de ideas nudo  
em duas quadras só botar figura?!...

Porto.

David de Castro.

## A CIVILISAÇÃO

**D**IRIGIR o espirito pelo caminho amplo que nos conduza ao ceu brilhante do saber, e formar o coração nos actos nobres e sublimes da virtude, eis os dois pólos sobre que se deve apoiar a verdadeira civilisação.

Nunca se poderá chamar amigo do progresso e amante do bem dos povos, ao homem que encaminha suas nobres faculdades pela noite cerrada da descrença, nem tão pouco é digno d'elogio o espirito que não vae beber nas salutíferas aguas do Evangelho o maná suavissimo que nos transporta até ás regiões luminosas do bem, do bello, do sublime e do infinito.

Os filhos do seculo desanove, delirantes pela conquista, cégos pela paixão, e movidos pelo orgulho pretendem apeiar do throno em que é venerada a crença de Deus, implantar por toda a parte e com caracteres de fogo e sangue o reino da guerra, do mal, da dor, do luto e da miseria, e banir do coração de todos, os sacratissimos principios do direito e da justiça; porém suas palavras se vão perder nas quebradas dos montes, e suas victorias são assignaladas só por aquelles que como elles têm em pouco a instrucção, chasqueiam de tudo que é grandioso e só se banqueteam com os sentimentos baixos, vis e mesquinhos.

Fitando, pois, sempre a luz e odeando as trevas, concorramos quanto em nós estiver para o bem dos povos, porque teremos em troca a tranquillidade de nossas consciencias e os applausos da sociedade cren-te e sensata.

Braga, 20—6—85.

*Ernesto Barreira.*

## AS DAMAS BRACARENSES

Oh santos corações! Oh damas generosas!  
Abri as vossas mãos, as vossas mãos formosas  
A' nobre sociedade.  
E vinde auxiliar os filhos da indigencia  
E dar-lhe a conhecer os brilhos da sciencia  
A' luz da Caridade

Junho—85.

*Ernesto Silva Pereira.*

## CHROMO

TEM effluvios d'amôr nos olhos azues claros,  
E' còr de neve, e loira, e esbelta como o abêto;  
Parece uma esculptura em marmore de Paros  
Co'as formas ideaes da Venus de Milêto.

Tem sorrisos d'amor no labio nacarado,  
Um philtro que seduz, no seio em que eu medito;  
Mas sob aquelle peito eburneo, assetinado,  
Palpita um coração... mais duro que o granito!

Braga.

*Hippolyto de Vasconcellos Maya.*

**N**ADA ha mais augusto, santo e sublime que a ideia de philantropia:—abre, pisa, franqueia ignota estrada a quem nasce e vive na indigencia.

—Ella é para todos e para todas as classes sociaes: desentranha-se em abençoados fructos—alegra, consola, suavisa, illumina e illustra.

—E' a musa do sentimento, o refrigerio dos tristes, o alivio dos pobres e o amparo dos orphãos.

—Os pestilentes halitos da inveja expulsa, despresa; leva comsigo dentro do peito estoica fortaleza, na alma a brilhante luz que espalha em todas as regiões da sapiencia humana.

E' pelos sentimentos de philantropia e generosidade que germinam, nascem, crescem, se desenvolvem, avultam e tomam as maiores proporções as grandes empresas e instituições civilisadoras;—e quanto mais aquella generosa ideia alarga a sua esphera, tanto mais prosperam as nações, florescem as artes e se desenvolvem as sciencias.

A *kermesse* que vae ser promovida pela briosa classe academica, n'esta risonha e generosa cidade de Braga, objectiva e demonstra tudo isto. O seu fim é promover donativos para subsidiar, subsidiar para educar e educar para proporcionar ao individuo e á sociedade o bem estar e a felicidade.

Braga, 18—6—85.

*Francisco Pereira de Macedo.*

## PHILOSOPHIA DE UM ASSASSINO

(LACENAIRE)

Sim; viverás! Pois que só morre o homem  
 Que seus dias passou semeando o bem.  
 Pobres d'aquelles que por nõrma tomem  
 As leis clementes, que do amor provêm!  
 Só vive o que de lagrymas se alenta,  
 Vive o que a fama de perverso alcança:  
 Mais que um dia de plácida bonança,  
 Deixa rastos um dia de tormenta!

*João Penha.*

## A MINHA MULHER

ANTES...

Inquieto, brusco, assim embesoirado,  
 Sem bem saber porque, sempre no ar,  
 Alegre às vezes, outras amuado,  
 Eu dizia abstracto:

*Vou casar!*

DEPOIS...

Tranquillo no meu lar, e desviado  
 D'esse mundo festivo que eu gosei,  
 Contente, barrigudo, a esposa ao lado,  
 Sabe-me bem dizer:

*Eu já casei!*

Porto, 22 de maio de 1885.

*Julio Moutinho.*

SE entre todas as virtudes christãs  
 e sociaes e acima de todas a carida-  
 de fulgura com brilho radiantissimo  
 e inobscurecivel, seja qual fôr a fór-  
 ma sob que exercida e seja qual fôr  
 o fim a que exercida, e quer sua mis-  
 são o matar a fome do miseravel,  
 quer o minorar os soffrimentos do  
 doente, quer o enxugar as lagrimas  
 do infeliz, muito mais sobreleva a  
 caridade em fulgores, tornando-se  
 credora dos maiores applausos e de  
 todas as benções, pelos fructos ad-  
 miraveis que d'ella então brotam,

quando por alvo toma e tem o dar o  
 pão do espirito aos famintos d'este,  
 as aguas lustraes da instrucção aos  
 que se estiolam sequiosos d'esta.

Saudamos, pois, enthusiastica e  
 jubilosamente a Kermesse tão bri-  
 llantemente realisada em favor da  
 SOCIEDADE PHILANTROPICO-ACADEMI-  
 CA, e seus illustrados e benemeritos  
 promotores, e votos ficamos fazendo  
 os mais fervorosos, por que a nova  
 mas já vigorosamente enraizada So-  
 ciedade logre um futuro desassom-  
 brado, e porque possa, assim, exer-  
 cer na mais larga escala sua missão  
 redemptora do obscurantismo e da  
 ignorancia.

Barcellos.

*Rodrigo Velloso.*

## A JARRA QUEBRADA

(SULLY-PRUDHOMME)

A JARRA, onde murchou esta verbena,  
 Por um perfido leque foi quebrada.  
 Foi tão leve a pancada e tão pequena  
 Que nem foi por debil som denunciada!

Mas apesar da sua pequenez  
 Dia a dia a fenda vae crescendo;  
 Imperceptivel mão irá, talvez,  
 Manso e manso essa fenda distendendo.

Gotta a gotta a agua se esvahiou,  
 Da flôr a fina essencia é evaporada,  
 Ninguem o sabe ou mesmo o presumiu.  
 Porém não lhe toqueis... que está quebrada!

Quantas vezes a mão que tanto amamos  
 Nos fere o coração mui levemente  
 E o lys do amor que n'elle cultivamos  
 Por seu turno fenece lentamente!...

Invisivel ao frio olhar do mundo  
 Vae soffrendo, a sorrir, dôres crueis;  
 Foi um golpe fatal, pois é profundo:  
 Na jarra que fendeu, oh, não toqueis!

Braga.

*José Parreira.*



## AWAY!

A nobre canção cremente  
A rubra canção gloriosa  
Que estua vehementemente  
No homem — como na rosa.

Vibra, triumphal e aguerrida,  
Na senda que leva á gloria.  
—E' bella a canção da vida:  
Ao largo! á vida! á victoria! —

Lopes Teixeira.

## ENCOMIO CAMONIANO

I.—Na occasião do TRICENTENARIO do CAMÕES em 1880, deram-se á luz algumas MONOGRAPHIAS BIBLIOGRAPHICAS, em que se catalogaram «escriptos numerosos» — *naciouaes e estrangeiros* — attinentes ao exalçamento do HÔMERO LUSITANO.

Numerosos no entanto sã) ainda os «escriptos», *n'ellas omisos*, e a cada passo dados a conhecer por *amadores camonianos*, tanto no paiz como fóra d'elle. — E n'estes ultimos avulta com merecido reconhecimento nosso, «grangeado com solicitude incansavel», o *livreiro illustrado* de BERLIN — antiquarista indefesso — *W. H. Kühl* em Jæger-Strasse.

II.—A elle devemos com gratidão cordial, entre outras ESPECIES CAMONIANAS de subido valor litterario, o possuirmos uma OBRA nada vulgar de *William Jones*, inglez de vasta cultura d'estudo, e sem rasão *omisso* nas alludidas MONOGRAPHIAS CAMONIANAS.

E' o titulo d'esta obra — POESEOS ASIATICAE COMMENTARIORUM LIBRI SEX CUM APPENDICE: *Recudi curavit Io. Gottfried Eichorn*: — LIPSIAE, 1777. 8.º gr., e incorporado volume.

III.—N'esta OBRA de *Jones*, em que os *textos asiaticos* estão *vertidos* com primor de «penna sciente», acham-se nas pp. 235 a 236 — (*unicas de nós alludidas aqui*) — estas *linhas* que transcrevemos com prazer:

«In linguis recentioribus legimus *Hispanum illum Alonsum*, de suis rebus gestis non sine dignitate, et dictionis altitudine canentem; et CAMOENSIUM LUSITANUM, cujus POESIS adeo venusta

est, adeo polita, *ut nihil esse possit jucundius*: — interdum verò, odeo elata grandiloqua, ac sonora, *ut nihil fing possit magnificentius*».

IV.—Testimuhos litterarios d'esta especie—proferidos por escriptores d'esta plana — excedem quanto pôde idear-se em exalçamento do CAMÕES, que em sobrada rasão nos dizia nos LUSIADAS—Cant. II. Est. LVIII:

«Que o nome illustre a um certo amor obriga;  
•E faz a quem o tem, amado e caro.

—Braga, 10 Junho 1880—

O Decano do Lyceu, *Pereira-Caldas*.

## SONETILHO

SENHORAS, vedes os pobres  
alem de rojo no chão?  
Vós tendes almas tão nobres  
que não pedimos em vão.

Ide uma esmolla levar-lhe;  
são filhos da indigencia;  
ide c'o pão ministrar-lhe  
a branca luz da sciencia.

Bem vedes! São dura terra  
que em seu seio ouro encerra  
sem o poder descobrir,

e vós, Senhoras divinas,  
podeis c'oas mãos pequeninas,  
esses thesouros abrir.

*D. Miguel Sotto Mayor e Avila.*

## CARIDADE

UMA lagrima d'ouro brilha um dia  
na fina pupilla da Divindade;  
fecunda-a o labio que meigo sorria...  
D'este almo beijo nasce a — *Caridade*.

Braga, 21—6—85.

*P.º Ribeiro Coelho.*

ASSOCIAÇÃO PHILANTROPICO-  
ACADEMICA

QUANDO a divisão commandada pelo general Kleber, o heroe d'Aboukir e Thabor, occupava o Egypto revoltado, que elle emfim submetten com um pequeno corpo do exercito de Napoleão, ao atravessar o deserto faltou-lhe a agua para o abastecimento dos seus homens, que elle via cahir a cada momento, allucinados, ou mortos fulminantemente sob a acção dos raios implacaveis do sol africano, semelhantes a finos punhaes abrazados.

Nem uma nuvem no vasto horizonte que a vista abrangia, nem uma arvore n'aquelle immenso oceano d'arêa!

O general, no auge do desespero, arremessou para longe o seu chapéu agalhoado, e, expondo a magestosa cabeça ao dardejar d'aquelle fogo do ceu, para lá erguia o punho cerrado, em ameaça!

Os soldados continuavam a cahir, disimados.

Ao meio dia, quando mais insupportavel se tornou aquelle infernal supplicio, alguns homens que marchavam na vanguarda encontraram uma pobre mulher africana, prostrada no chão, segurando ao peito, n'uma contracção febril dos braços, uma creancinha de alguns mezes apenas.

Como se encontrava alli aquella Agar muribunda?

Os valentes soldados, esquecendo por momentos a tortura que os dilacerava, ergueram-a, reuniram as mil gottas d'agua das suas cantinas esgotadas e conseguiram encher uma taça, com que fizeram voltar á vida aquella mãe desventurada que, pouco depois, amamentava o filhinho.

\*  
\* \*

Gentis senhoras de Braga; retiri também o orvalho—a caridade—das vossas cantinas—o coração, e encheis a taça que fará reviver esta benefica instituição philantropica, que tantos filhos tem a alimentar.

Braga, junho de 85.

Vicente Noeas.

## INSPIRAÇÃO

PERGUNTAE ao rouxinol  
Quem a cantar o ensinou,  
Se foram os raios do sol  
Quem seus cantos lhe inspirou:  
Ou se foi, suave e pura,  
(Mistico véo de candura  
Que as noites soltam no ar,)  
A lua triste e saudosa,  
Que sorrindo-lhe amorosa  
Lhe veio o canto inspirar?

Foi ella que ao rei cantor  
Lhe inspirou esses trinados,  
Castos poemas de amor,  
Meigos, saudosos, magoados,  
—Quando ás aguas lança um manto  
De prata, de luz, d'encanto;  
E a rosa que o sol crestou  
Leva na brisa o alento,  
Doce como um pensamento  
Que a nossa dôr mitigou.

Foi ella quem uma a uma  
As notas lhe veio dar,  
Tirando-as da branca espuma  
Das brancas ondas do mar.  
Depois com petalas de rosa  
Foi com mão misteriosa  
Que a partitura gravou,  
N'esse azul do firmamento,  
D'onde elle executa attento  
Os cantos que lhe inspirou.

Braga, 20-6-85.

V. de Pindella.

—❦❦❦—

OH poetas que cantaes  
As tristes scenas do amor,  
Porque será que olvidaes  
Tantas outras em que a dor

Estala como os trovões  
La do ceu na immensidade?  
Abri vossos corações  
E cantai a «Caridade».

Braga—85.

J. C. P.

PREÇO..... 100 RÉIS.

BRAGA—TYPOGRAPHIA LUSITANA, 1885.